

Cidade e modernidade

Falar de cidade, na atualidade, é distanciar-se em muito do modelo da *polis* grega que representava o local do encontro, do debate cívico e da vida política ou da *urbs* romana, que simbolizava um valor estético e a opulência do poder da época e mesmo da cidade medieval que constituía o lugar da troca e do artesanato. Ela é, hoje, um redesenho da cidade industrial do início da era moderna, quando se desenvolvem as relações entre o Estado, a economia e a sociedade, não só em âmbito local, mas também em dimensão nacional e internacional, tornando-se o *locus* da vida contemporânea em grande parte do mundo.

Para os especialistas da temática urbana, o século XXI é o século das cidades. Em 1950, havia 86 cidades com mais de 1 milhão de habitantes, atualmente há 400 com essa configuração. Em 2008, segundo a Organização das Nações Unidas, a população urbana, com cerca de 3.4 bilhões, supera a do campo e a questão surpreendente nesse processo é a explosão das megacidades, com mais de 10 milhões de habitantes em seus limites geográficos, compreendendo manchas urbanas que englobam dezenas de municípios em seus limites. No Brasil, dados recentes do censo de 2010 indicam que 84,32% de sua população vivem em cidades.

A urbanização da humanidade implica na coexistência, em espaços densos, de diferentes realidades, que caracterizam o modo de vida urbano nos dias de hoje. Em escala mundial, encontram-se cidades que organizam e controlam grandes blocos de interesses voltados para a economia global e, em âmbito local, as cidades hoje assumem a organização de sua população, o tipo e localização das atividades econômicas e as ações do Estado sobre toda a sociedade.

Desde Georg Simmel (1858-1918), Max Weber (1864-1920) e Wirth (1897- 1952), os cientistas sociais têm se debruçado sobre a especificidade do fenômeno urbano.

O processo de urbanização se iniciou com a cidade industrial, quando concentrou em seu espaço a população consumidora, os trabalhadores e as condições gerais de produção.

Para Lefebvre (1999), o urbano é o produto da síntese dialética da dicotomia cidade-campo, em que o espaço urbano, metáfora da produção do espaço social, é (re)definido pela urbanização que se estendeu como um modo de vida para toda a sociedade, transferindo para outros locais o sentido da *polis*, da *civitas* e da *praxis* política, que era restrito ao espaço da cidade.

A cidade, por sua vez, é o espaço da concentração da produção, da circulação e do consumo de bens e serviços, sendo que para Lefebvre (1969) “ela não é o lugar passivo da produção ou da concentração dos capitais, mas sim que o urbano intervém como tal na produção”.

Segundo análise de Fortuna (2009), o conceito moderno de “urbano” ganhou novos sentidos em função da transformação da cidade industrial, em que predominavam as lutas sociais e operário-sindicais em torno do “direito à cidade”. Hoje esse direito representa uma expressão política mais abrangente, não apenas de acesso à cidade, mas também à cultura urbana, ao uso dos equipamentos e serviços que ela oferece, garantindo a condição de cidadania política e cultural.

Esse cenário vem exigindo uma reavaliação dos conceitos e dos eixos analíticos utilizados nos estudos urbanos, tendo em vista que a cidade, nas últimas décadas, apresenta novas dinâmicas e novos atores, determinados pela globalização da economia e da sociedade informacional. Este contexto fez do mundo planetário uma aldeia global, gerando alterações nas formas de organização do trabalho, na estrutura de consumo, nas práticas sociais e culturais e nos usos da cidade, constituindo uma nova cultura urbana.

Dessa forma, há muito a se conhecer sobre os processos em curso que desencadeiam novas reconfigurações urbanas e novos padrões de segregação socioespacial, demandando um grande desafio aos estudiosos e pesquisadores dos temas urbanos.

O dossiê *Cidade e Modernidade* segue nessa direção, trazendo contribuições para o conhecimento de novas questões que envolvem a cidade na atualidade.

O artigo da Prof^a Maura Pardini Bicudo Vêras, coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Urbanas – Nepur, da PUC-SP, traz um olhar sociológico sobre as cidades contemporâneas, identificando questões essenciais no debate dos dez primeiros anos do século XXI, procurando entender a urbanização no mundo capitalista globalizado de hoje.

O Prof. Luiz Eduardo W. Wanderley, coordenador do Núcleo de Estudos Latino Americanos – Nelam, da PUC-SP, apresenta em seu artigo, análises sobre diferentes concepções de cidade e os efeitos da globalização hegemônica e contra-hegemônica sobre a cidade, sobre gestão pública e democrática.

O texto da Prof^a Carla Reis Longhin apresenta um discussão conceitual sobre o espaço, uma análise das transformações do espaço na estruturação da esfera pública e o percurso pelo qual são construídas as imagens de São Paulo pela mídia impressa.

A Prof^a Soraia Maria do S .C. Vidal discute a inserção socioterritorial do turismo em Natal na perspectiva da sustentabilidade, através de uma reflexão crítica que não considera apenas as potencialidades de crescimento desta atividade, mas também os seus efeitos predatórios.

Maria Amélia Jundurian Corá e Mariana Jundurian Corá nos mostram uma análise sobre as transformações do centro de São Paulo, causadas pelas intervenções urbanas pautadas pela política de gentrificação.

O texto de Dan Rodrigues Levy tem como objetivo compreender a relação ente os condomínios residenciais fechados e o exercício da cidadania nos espaços públicos, procurando demonstrar que a segregação ocasionada por este tipo de enclave urbano tem contribuído para a degradação do espaço público das cidades, obstaculizando ou reconceitualizando o exercício da cidadania.

Antonio Miguel Lopes de Souza traz uma análise de um dos trabalhos de Max Weber, escrito sob a forma de ensaio, intitulado “a Cidade”, com um foco de reflexão que habitualmente envolve agentes das práticas e políticas urbanas.

O artigo de Luis Augusto de Mola Guisard reflete a experiência contemporânea do tempo nas ruas da metrópole paulistana, especialmente no que se refere à sensação generalizada da pressa, fato este socialmente construído. Mostra que a aceleração do tempo cada vez maior, da época dos motorneiros à dos motoboys, resultou no esvaziamento da narrativa e da experiência partilhável.

Os autores Diamantino A. Sardenha Neto e José Garcia da Conceição apresentam em seu artigo uma análise sobre as políticas públicas voltadas para o transporte metroferroviário e sua relação com a inclusão social.

Sandra Mattos, através de uma narrativa sobre uma manhã de domingo no parque Villa Lobos, em São Paulo, reflete sobre a música como linguagem que organiza e permite a compreensão do mundo pelo sujeito.

A poesia de Roberto Ferreira revela o sentimento do autor sobre a modernidade, através de sua indignação sobre o tipo de cidade ela propiciou.

O Prof. Rinaldo Sérgio Vieira Arruda, coordenador do Núcleo de Estudos de Etnologia Indígena, Meio Ambiente e Populações Tradicionais–Nema, da PUC-SP faz uma reflexão sobre a vida urbana, através da paisagem do Minhocão em São Paulo e de construções monumentais de Oscar Niemeyer em Brasília, revelando por meio do seu Ensaio Fotográfico, a importância da fotografia como linguagem e como fonte de documento e de interpretação da realidade.

Marisa do Espírito Santo Borin*

* Professora do Departamento de Sociologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, da PUC-SP. Pesquisadora do Observatório das Metrôpoles de São Paulo. E-mail: marisaborin@terra.com.br